



COMO UM ANJO OLHA O PROGRESSO? CONTRIBUIÇÕES DE WALTER BENJAMIN AO PENSAMENTO HISTORIOGRÁFICO

Tito Barros Leal de Pontes Medeiros*

Resumo: Este artigo tem por fim compreender as relações entre o pensamento de Walter Benjamin com um dos objetos mais discutidos na produção acerca da história da História, a Escola dos *Annales*. Para tanto, propõe-se compreender o debate a partir de dois caminhos: num primeiro momento, a partir de uma perspectiva historiográfica onde se discutirão as metamorfoses vividas pela História enquanto possibilidade de conhecimento do Homem e do mundo e, em seguida, estabelece-se uma abordagem filosófica de base benjaminiana sobre as mudanças do mundo contemporâneo. Relaciona-se, por fim, os dois momentos anteriormente apontados com vistas a perceber as influências do pensamento do filósofo em questão no ajustamento da História frente às novas perspectivas teórico-metodológicas surgidas no seio da ciência de Clío.

Palavras-chave: História, filosofia da história, modernidade, ética.

Abstract: This article has finally to understand the relations between the thought of Walter Benjamin with one of argued objects more in the production concerning the history of History, the *Annale's* School. For in such a way, to propose to understand the debate from two ways: at a first moment, from a historiographic perspective where the metamorphoses lived for History will be argued while possibility of knowledge of the Man and the world and, after that, a philosophical boarding of benjamin's base is established on the changes of the world contemporary. One becomes related, finally, the two moments previously pointed with sights to perceive the influences of the thought of the philosopher in question in the adjustment

* Mestrando em Filosofia na Universidade Estadual do Ceará.

of History front the new perspectives theoretician-metodologics appeared in the middle of the science of Clío.

Key-words: History, philosophy of the history, modernity, ethics.

A quem está habituado a acompanhar o movimento da história das idéias não é difícil constatar que estas – como as roupas ou o cabelo das mulheres – oscilam regularmente, por períodos que variam segundo o ambiente e o maior ou menor enraizamento que elas possam ter nas questões cruciais da condição humana. Em geral, elas surgem num dado momento e tendem a retornar ao vasto cemitério das idéias esquecidas. Daí restando muito pouco de aquisição efetiva em termos de conhecimento consistente.
(Eduardo Diatahy B. de Menezes).

I Metamorfoses historiográficas

A revolução historiográfica ocorrida na França no início do século XX, em 1929, sob a liderança de Lucien Febvre e Marc Bloch deu origem à chamada *Escola dos Annales* e, também, às perspectivas que culminariam na *Nova História*.

Abriu-se desde então nova sorte de possibilidades para os estudos na História. Novos métodos, novos objetos e novos temas surgiram e transformaram as práticas dos historiadores.

Essas novas idéias propagavam que as ações humanas, nas suas múltiplas manifestações, passariam a ser percebidas como fontes fundamentais para a análise da história do homem, noutras palavras, a partir dessa nova concepção metodológica tudo que dei-

xasse transparecer a influência do homem em sociedade passaria a ser fonte histórica em potencial.

Rompia-se assim com uma prática historiográfica que privilegiava o fato (estranque e acabado por natureza) e a narrativa política e biográfica produzida a partir das análises de documentos formais como atas de reuniões, discursos políticos, registros jurídicos, entre outros que, por seus *status* de oficialidade traziam a marca da imparcialidade. Através deles, com o método e a técnica específicas, a verdade científica e objetiva sobre o passado poderia ser revelada.

As transformações desenvolvidas na *ciência histórica* deram-se fundamentalmente por conta de um fenômeno mundial de longa duração que, desde os fins do século XIX, vinha se abatendo sobre a sociedade, radicalizando-se com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, e cristalizado conceitualmente como *Crise da Razão*.

Nesta perspectiva, com as sólidas bases do conhecimento racional abaladas, a História (fundada enquanto ciência e profissão reconhecida durante o século XIX) a partir de uma perspectiva teórico-metodológica *iluminista*, viu-se na difícil situação de repensar sua validade enquanto explicação racional sobre a sociedade e, para além, viu-se diante de uma questão absolutamente desconcertante: diante da crise da razão, qual a função do conhecimento histórico até então produzido?

Até aquele momento a historiografia tinha como meta a elaboração narrativa de certezas advindas de pesquisas fundadas em análises documentais sobre fatos e personalidades marcantes numa perspectiva de ensinamento. *Historia maestra vitae!*

Pelo que se vem apresentando, entrou em discussão no ambiente da produção historiográfica, desde 1929, o paradigma moderno-iluminista que orientava o conhecimento produzido pela História sobre a sociedade e que apresentava ao homem a possibilidade de um conhecimento profundo, perfeito e acabado sobre a realidade cercante.

Tal paradigma começou a ser construído na história ainda na Idade Média (a partir do *Renascimento Comercial e Urbano*) e ganhou maturidade no movimento das luzes e na radicalização do modelo capitalista-burguês que irrompeu como padrão a ser seguido e copiado por todos os homens e sociedades.

Sobre tal, José Carlos Reis escreve:

O conceito de modernidade, com o qual se procura definir esse novo corte na identidade ocidental revela a nova representação da temporalidade histórica, elaborada por esse novo sujeito histórico. (...) A 'modernidade' significou uma revolução cultural, ocorrida apenas no Ocidente que acompanhou e tornou possível a expansão europeia pelo mundo e, inteiramente, a constituição de uma nova ordem política (Estado burocrático), uma nova ordem econômica (ética do trabalho e empresa capitalista) e uma nova ordem social (não-fraternidade religiosa). Esse conceito designa uma consciência secularizada, mais fascinada do que atemorizada pela consciência do tempo sublunar. O tempo profano veio desafiar o tempo sagrado cristão. Uma história deste mundo veio desafiar e conviver com uma história universal sagrada. (...) O êxtase material desafia o êxtase religioso. A rejeição metafísica do mundo é revogada.¹

Assim, percebe-se que o paradigma moderno-iluminista arrogou-se da Razão e dela fez sua ferramenta básica para solucionar todos os problemas do mundo.

Em História, *grosso modo*,

As tendências filosóficas fundadoras vinham dos séculos XVIII e XIX (...). Viram-se reforçadas, no século XIX e neste, pelo emprego de modelos macro-históricos e teorizantes: estes podiam ser distinguidos e até opostos entre si, mas voltavam-se sempre para a inteligibilidade, a explicação, a expulsão, ou pelo menos a delimitação do irracional, do acaso, do

¹ Reis, J. C. *História e Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*, p. 22-23.

subjetivo. (...) Trata-se de uma história analítica, estrutural (e mesmo macroestrutural), explicativa (...) — sendo estes alguns dos aspectos centrais de sua racionalidade, sua cientificidade assumida.²

Foi exatamente como crítica a esses pressupostos herdados dos pensadores do século XIX, fundamentalmente como crítica a uma História que se pretendia certeza do passado, que a História Nova foi inaugurada.

Certo é, contudo, que o desenvolvimento da perspectiva historiográfica dos Annales não se deu de forma homogênea. O movimento ganhou dimensões internas que, ao longo do processo histórico desenrolou em variações do projeto original de Febvre e Bloch.

Dessa forma, vemos ao longo dos primeiros 70 anos do século XX três fases da chamada Escola dos Annales: 1) a fundação (1929 - 1945), com Lucien Febvre e Marc Bloch; 2) a confirmação (1945 - 1969) com Fernand Braudel e Marc Ferro; 3) o redimensionamento (1969 -), com Jacques Le Goff e Jacques Revel.³

Sumariamente, o que se verificou neste processo ocorrido na historiografia foi a gradual desfiliação deste setor do conhecimento do seu paradigma fundante. A História estava em crise de identidade. Ela buscava uma fundamentação teórica tal que lhe fosse capaz de conferir status de cientificidade. Ela estava em busca de sua essência, em busca de uma nova possibilidade de se afirmar, buscava sentido para si mesma.

Tentava, contudo, evitar as armadilhas do puro racionalismo. Negava as arrogâncias do ontem da historiografia.

É em Nietzsche e em Heidegger que a História encontrará as bases de argumentações filosóficas necessárias para fixar uma nova perspectiva, um novo projeto, uma Nova História.

² Cardoso, C. F. História e paradigmas rivais, p. 4.

³ Cf. Le Goff, J. *A História Nova*, p. 23-64.

Filiada agora aos paradigmas pós-modernos, a História abria para si novas perspectivas epistemológicas. Passava de um discurso estanque, pronto e acabado a uma elaboração mutável, questionadora e formuladora de problemas. Menos respostas e mais aberturas às questões, tal era o novo projeto historiográfico.⁴ Tem-se, pois, que “o pós-modernismo se caracteriza pela ‘morte dos centros’ e pela ‘incredulidade em relação às metanarrativas’”⁵ (CARDOSO 1997, 15) além de, é claro, um processo de retorno a um passado epistêmico distante, ligado a uma condição mais instintiva, mais sensível e menos racional.

A ligação da História a essa nova tendência gerou uma fragmentação das análises dos historiadores. Para além, fissurou a própria História em uma pluralidade de Histórias.

II Mundo contemporâneo e crítica benjaminiana

Em que as análises, sobre a contemporaneidade, feitas por Walter Benjamin interferem (ou como elas interagem) com as transformações no pensamento histórico?

Para responder a essa questão deve-se antes compreender que o filósofo alemão se expressava fundamentalmente numa crítica à aceleração técnico-científica balizada pela auto-suficiência da razão.⁶

⁴ Cf. Jenkins, K. *Re-thinking History*.

⁵ Cardoso, C. F. História e paradigmas rivais, p. 15.

⁶ Fique claro que o autor em questão não despreza o progresso científico. Na verdade, suas análises sempre giram em torno do positivo e do negativo de tudo aquilo que ele se dedicou a pensar. Em vários textos seus, é verdade, Benjamin mostra-se um entusiasta da ciência e da tecnologia (cf. *Pequena História da Fotografia*, de 1931; *A Obra de Arte na Era da Reprodutibilidade Técnica*, de 1935/36). Contudo, aqui, dedicamo-nos a evidenciar aquilo que o autor afirma como sendo o grande problema do

Sobre esse tema Walter Benjamin apresenta em seu texto *Experiência e Pobreza* (escrito em 1933) a seguinte passagem:

Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem. A angustiante riqueza de idéias que se difundiu entre, ou melhor, sobre as pessoas, com a renovação da astrologia e da ioga da *Christian Science* e da quiromancia, do vegetarismo e da gnose, da escolástica e do espiritualismo é o reverso dessa miséria.⁷

Assim, Benjamin lança a tese de que a modernidade por ele chamada de “monstruoso desenvolvimento da técnica”, vem sendo questionada através de um acelerado retorno das idéias e dos valores pré-modernos. São exatamente essas categorias pré-modernas que orientam, pois, as questões fundamentais da pós-modernidade.

Tendo em vista que o projeto moderno reabilitaria o homem através da razão trazendo para ele toda a grandiosidade e o desenvolvimento que a técnica e a ciência poderiam oferecer e, percebendo que tal empreita estava voltada a *civilizar* definitivamente o homem, a modernidade se fazia como a possibilidade de solução definitiva a toda sorte de mistificações surgidas durante a Idade Média, quando da força da religião cristã.

Na perspectiva de Benjamin, contudo, o projeto moderno-iluminista fracassou. A razão, mal utilizada e mal racionalizada, deu espaço não a uma melhoria nas condições humanas, menos ainda a uma sociedade igualitária baseada na lei e na ordem, mas, e aí sim, a uma *re-barbárie*. Para Benjamin, a Modernidade plantou, em si, o

— mundo contemporâneo que é a separação entre o saber técnico e as relações morais, éticas e políticas. Portanto, quando se afirma da crítica em relação à aceleração técnico-científica que Walter Benjamin desenvolve, deve ficar claro para o leitor que esta é uma visão parcial do pensamento benjaminiano e que tal procedimento tem motivos teórico-metodológicos condizentes com a proposta deste artigo.

⁷ Benjamin, W. *Experiência e Pobreza*. In: *Obras escolhidas I*, p. 115.

germe que conduziu o mundo a uma irracionalização pela racionalização. Advoga o filósofo que:

A horrível mixórdia de estímulos e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorratamente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza. Sim, é preferível confessar que essa pobreza não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie.⁸

Percebe-se, assim, o descontentamento do filósofo com a modernidade. Homem do início do século XX, Walter Benjamin (1892-1940), viveu as agruras de um período historicamente marcado pela Primeira Guerra Mundial, a crise de 1929, a Segunda Guerra Mundial e, em seu caso mais direto (por ser judeu, principalmente), pela turbulência política da República de Weimar e a violência absurda do nazismo.

Por conta da situação histórica em que Benjamin estava inserido faz-se fácil compreender que ele estabeleça ligação direta do desenvolvimento técnico-científico produzido através do uso da razão com o desenvolvimento belicoso e bélico presentes, exatamente, no centro da sociedade dita por mais racional e civilizada: a sociedade européia.

Em seu texto de 1930, *Teorias do fascismo alemão - sobre a coletânea “Guerra e guerreiros”, editada por Ernst Jünger*, Walter Benjamin escreveu que as realizações técnico-científicas:

— não encontram em nossa vida pessoal nenhuma utilização completa e adequada e, no entanto, lutam por justificar-se. Na medida em que renunciam a todas as interações harmônicas, esses instrumentos se justificam pela guerra, que prova com suas devastações que a realidade social não está madura para transformar a técnica em seu órgão e que a técnica não

⁸ *Ibidem*.

é suficientemente forte para dominar as forças elementares da sociedade.⁹

Assim, segundo Benjamin, faz-se necessário repensar o presente, abrir mão de certas convicções. O filósofo pretende uma “filosofia à marteladas” filiando-se, de certo modo ao pensamento de Nietzsche, na medida em que:

Pode-se afirmar, sem qualquer pretensão de incluir nessa explicação suas causas econômicas, que a guerra imperialista é co-determinada, no que ela tem de mais duro e de mais fatídico, pela distância abissal entre os meios gigantescos que dispõem a técnica, por um lado, e sua débil capacidade de esclarecer questões morais, por outro.¹⁰

Na perspectiva benjaminiana, o desenvolvimento racional do homem durante a modernidade foi coxo. A perna maior e mais forte foi a do cientificismo e da tecnologia. A perna amofinada foi a da moralidade, a da ética. A perna forte do corpo em questão (o corpo humano), como que assumindo juízo próprio tentou uma rasteira em seu par amofinado. O resultado desta cena surreal foi a queda do corpo. Uma queda dantesca, assombrosa, insólita!

O homem está perdido. Esta é a constatação de Benjamin e sua perdição está ligada à aceleração técnico-científica que, por conta da brutal aceleração informacional, banalizou o sentido do saber, do conhecer, do criar, do pensar, do descobrir.

Jeanne Marie Gagnebin, em seu livro *História e Narração em Walter Benjamin* apresenta a seguinte passagem:

Como não há mais sentido próprio sempre surgem novos sentidos, há sentidos demais, o alegorista melancólico inventa cada vez mais sentidos, acrescenta-os segundo seu bel-prazer — ou segundo a morte. Nas suas mãos os objetos perdem sua densidade costumeira e se dispersam numa multiplicidade semântica infinita. Onipotência e arbitrário caracte-

⁹ Teorias do fascismo alemão. In: *Obras escolhidas I*, p. 61.

¹⁰ Ibidem.

rizam o poder do tirano e do alegorista, poder tanto mais violento quanto não repousa sobre nenhuma certeza estável.¹¹

Assim ficam claras duas dificuldades reais com as quais o homem se depara na atualidade: a dor do caminhar na incerteza e a incapacidade contraditória de superar essas incertezas pela maximização da razão.

No texto *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutividade Técnica*, cuja primeira versão foi escrita entre 1935 e 1936, o autor em estudo nos apresenta exatamente a crise da originalidade.

III A crítica benjaminiana ao mundo contemporâneo e suas relações com a produção historiográfica

Como afirmado na primeira parte deste artigo ocorreu ao longo dos anos uma fragmentação do saber histórico. Nesta perspectiva, pergunta-se que tipo de História deve ser pensado e qual desses tipos terá mais validade? Pergunta-se ainda que tipo de resposta as Histórias podem nos oferecer e, para além disso, que grau de confiabilidade podemos ter sobre as informações produzidas por essa ciência?

Benjamin, na sua tese IX em *Sobre o conceito da História* (texto de 1940) apresenta a figura do Anjo, diz ele:

O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irreversivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruí-

¹¹ Gagnebin, J.-M. *História e Narração em Walter Benjamin*, p. 40.

nas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso.¹²

A certeza que a razão instrumentalizada iluminista arrogou para si, no campo da História, vem perdendo espaço. Benjaminianamente os historiadores vêm, cada vez mais se metamorfoseando em anjos da história e percebendo os limites que a razão impõe para a compreensão das suas questões.

Sobre isso diz Tito Barros Leal:

Todas as teorias e metodologias da História, inclusive as pós da *Nouvelle Histoire*, tentaram (e tentam) transformar a narrativa histórica em uma narrativa mais próxima do real procedendo a uma aproximação de uma hipótese à confirmação. Esse procedimento, contudo, não garante à prática historiográfica nem certezas, nem fundamentos de difíceis refutações.

Isso ocorre por um único motivo: todo historiador é humano. Logo, todo historiador seleciona o que vai pesquisar, elege prioridades nas suas pesquisas, faz recortes temporais para lhe possibilitar um maior aprofundamento nos seus estudos, etc; o que não se pode perder de vista é que tudo isso é feito de acordo com suas próprias conveniências.¹³

A angústia é o sentimento mais próprio do historiador versado nos novos paradigmas. Este sentimento encaminha o olhar deste personagem de forma complexa, muitas vezes ambígua. Se por um lado as novas correntes historiográficas oferecem aos historiadores uma variada possibilidade de questões, um sem-fim de novas possibilidades metodológicas, por outro lhes apresentam os limites de suas pesquisas. Pensar de forma benjaminiana passa a ser fundamental para o historiador atual.

¹² Benjamin, W. Sobre o conceito da História. In: *Obras escolhidas I*, p. 226.

¹³ Medeiros, T. B. L. P. Considerações sobre os escritos de Alexandre Herculano: História X Literatura, p. 5.

A Filosofia da História proposta pelo filósofo judeu-alemão, segundo Michael Löwy:

bebe em três fontes diferentes: o romantismo alemão, o messianismo judeu e o marxismo. Não é uma combinatória ou “síntese” dessas três perspectivas (aparentemente) incompatíveis, mas a *invenção*, a partir delas, de uma *nova concepção*, profundamente original.¹⁴

É essa complexidade do projeto de Walter Benjamin que marca a genialidade, a originalidade e a complexidade inerentes ao pensamento deste filósofo no que se refere a sua Filosofia da História. Contudo, não podemos esquecer que não há nos escritos benjaminianos um sistema pronto e acabado sendo assim: “toda sua reflexão toma a forma do *ensaio* ou *fragmento* – quando não se trata da *citação* pura e simples, com passagens retiradas de contexto e colocadas a serviço de sua própria dinâmica”.¹⁵

O pensamento fragmentado de Benjamin e suas citações dinâmicas, força própria do pensamento deste autor, influenciaram diretamente as novas práticas historiográficas, principalmente trazendo para a história, enquanto ciência, a certeza da incerteza, a possibilidade do encontrar se perdendo. A História enquanto pretensão de conhecimento do mundo não se arroga mais a certeza de conhecer *o-que-é* pelo *o-que-foi*. A busca mudou. O Historiador, hoje meio filósofo, meio historiador, pergunta-se sobre *o-que-poderia-ter-sido* e esta pergunta parte do *o-que-pode-ser-agora*.

É importante perceber que:

A metáfora-chave (...) de Benjamin para o seu conceito de História é a da relação entre o sonho e o despertar. Benjamin concebe a si próprio como intérprete político dos sonhos da

¹⁴ Löwy, M. A filosofia da história de Walter Benjamin, p. 199.

¹⁵ Ibidem.

História. (...) Ele tenta é repetir a tarefa da psicanálise como lógica do pensamento histórico.¹⁶

Nesta perspectiva, apesar de toda a reflexão pessimista sobre a crise da razão, o filósofo deixa uma saída: *a arte*. A arte é o local da originalidade. A arte é a possibilidade de redescobrir a realidade, de aprofundar uma crítica ao mundo. É, pois, pela arte, que se pode marcar o caminho de uma renovação humana.

A História deve seguir este caminho introduzindo em seus métodos a imaginação e ela o tem feito. Já Machado de Assis dizia:

E repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa. Um contador de histórias é justamente o contrário de um historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença simples, leitor, nada mais simples. O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só fantasiar.¹⁷

Afinal que mais é um texto histórico além da realização escrita de um sonho, de uma nostalgia, de uma fuga da realidade para um *tempo-presente-distante*?

O Historiador deve, pois, se entregar à ficção uma vez que na aceleração técnico-científica a vida se fez ficção. Escrever História exige, antes de mais um profundo conhecimento do uso das reticências. Reticências finais, reticências iniciais e mesmo as intermediárias.

É nas facetas variadas do presente que se encontram as numerosas formas de respostas propostas pelo passado.

¹⁶ Bolz, N. W.; Conder, L. É preciso teologia para pensar o fim da História?, p. 28.

¹⁷ Assis, M. História dos 15 dias, p. 362-363.

Bibliografia

ASSIS, Machado de. História dos 15 dias. In: *Machado de Assis: Obra completa em três volumes*, Vol. 3. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1973.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1994.

BOLZ, Norbert W.; CONDER, Leandro. É preciso teologia para pensar o fim da História?. In: *Revista USP: Dossiê Walter Benjamin*. São Paulo, nº 15, 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e paradigmas rivais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

JENKINS, Keith. *Re-thinking history*. Londres-New York: Routledge, 1991.

LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LÖWY, Michael. A filosofia da história de Walter Benjamin. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, nº 45, 2002.

MEDEIROS, Tito Barros Leal de Pontes. Considerações sobre os escritos de Alexandre Herculano: História X Literatura. In: *Encontros Literários Moreira Campos*. Fortaleza: UFC, 2004.

REIS, José Carlos. *História e Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.